

A negritude africana, um realce às divindades e uma reverência aos ancestrais no conto *Vozes na Sanzala (Kahitu)* de Uanhenga Xitu

Leovigildo Domingos António *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0009-7418-3421>

RESUMO

Nesta abordagem pretendeu-se analisar a influência negro-angolana na construção literária do conto *Vozes na Sanzala (Kahitu)*, por constituir um pressuposto basilar para afirmação da personalidade negro-africana e angolana de modo particular. *Vozes na Sanzala (Kahitu)*, publicado em 1984, é uma das notáveis obras do escritor e nacionalista angolano Agostinho André Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu). O principal objectivo deste estudo é compreender a condição circunstancial do negro angolano dentro da cultura tradicional bantu, trazendo a lume uma visão antropológico-literária, aliado ao facto da divulgação e exaltação da cultura africana e angolana em *Vozes na Sanzala (Kahitu)*. A atenção está voltada à constatação de um discurso que ultrapassa as limitações impostas pelo colonialismo, por isso, tencionou-se observar o quotidiano angolano fora das urbes, verificar as implicações da tradição oral na manutenção e consolidação das sociedades africanas. Portanto, em função da natureza pesquisa, com vista o alcance dos objetivos preconizados, recorreu-se ao método de análise interpretativa fundamentado na leitura que se fez ao conto *Vozes na Sanzala (Kahitu)*, também se fez um recurso ao método de pesquisa bibliográfica, mergulhando na profundidade das narrativas criadas e nos trabalhos de outros investigadores que nos precederam na análise das narrativas de Uanhenga Xitu, com maior particularidade, no conto em referência. E com base nisso, foi possível verificar no texto as fortes influências da realidade negro-africana e os traços típicos da oralidade, sobretudo, na decorrência dos adágios, provérbios, adivinhas e até mesmo ao próprio ambiente social da sanzala, onde o autor revela a forma como o povo fala, como anda, como vê o mundo na sua língua materna.

PALAVRAS-CHAVE

Negritude; Angolanidade; Literatura E Uanhenga Xitu.

ABSTRACT

In this approach, we intended to analyze the black-Angolan influence on the literary construction of the short story *Vozes na Sanzala (Kahitu)*, as it constitutes a basic assumption for the affirmation of the black-African and Angolan personality in a particular way. *Vozes na Sanzala (Kahitu)*, published in 1984, is one of the notable works of the Angolan writer and nationalist Agostinho André Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu). The main objective of this study is to understand the circumstantial condition of black Angolans within traditional Bantu culture, bringing to light an anthropological-literary vision, combined with the fact of the dissemination and exaltation of African and Angolan culture in *Vozes na Sanzala (Kahitu)*. The attention is focused on the observation of a discourse that goes beyond the limitations imposed by colonialism, therefore, the intention was to

* Mestrando em Ensino da Língua Portuguesa pelo ISCED-Sumbe, graduado em Ensino da Língua Portuguesa pelo ISCED-Huambo, docente de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Superior Politécnico da Caála e no Instituto Superior Politécnico de Humanidades e Tecnologias ISUPEkuiui II-Huambo. E-mail: leovigildoantonio49@gmail.com

observe Angolan daily life outside the cities, verifying the implications of oral tradition in the maintenance and consolidation of African societies. Therefore, due to the research nature, with a view to achieving the recommended objectives, we used the method of interpretative analysis based on the reading of the short story *Vozes na Sanzala* (Kahitu), and we also used the bibliographical research method, delving into the depth of the narratives created and the work of other researchers who preceded us in analyzing the narratives of Uanhenga Xitu, with greater particularity, in the short story in question. And based on this, it was possible to verify in the text the strong influences of the black-African reality and the typical traces of orality, above all, as a result of the adagios, proverbs, riddles and even the social environment of the sanzala itself, where the author reveals the way people speak, how they walk, how they see the world in their mother tongue.

KEYWORDS

Blackness; Angolanity; Literature And Uanhenga Xitu.

ULANDU

Ku pange u ndeti tu yongola oku taliliya nda mupi oku kala katekavã kua mulo v'Ongola kua kuatisa ko kutungiwa ku olusapo *Vozes na Sanzala* (Kahitu), momo ya linga efetikilo lyo ku taviwa kue kalo lia vakatekavã vo cifuka co África kuenda v'Ongola. *Vozes na Sanzala* (Kahitu), ya mbiwa oluya ku lima wa 1984, kuenda likasi limue elivulu lya velapo liu usonehi aye onungambo ya mulo v'Ongola Agostinho André Mendes de Carvalho (Uanhenga Xitu). Ocimaho ca velapo cu'pange ulo oku kulihã ekalo lia katekavã mulo v'Ongola, pokati k'ovitua l'oviholo nhitiwe vya tete v'ocifuka c'o África, kuenda okueca ukuliso kuo ku tuwa k'uolonhitiwe vi'Ongola, kuenda vi'o cifuka co África, v'elivulu *Vozes na Sanzala* (Kahitu). *Upange ua tiamela ko kutungiwa k'ulandu upitaala alianga aciwa k'u olinga kacikolonya*, omo liaco, tuyongola okutalilya ekalo liolo nungambo vi'Ongola va kasi ocipala lolupale, loku taliliya vo upange wokupitikiya ekalo, ovitua loviholo via mulo vo'cifuca co África. Oco visuisiwe po ovimaho vi'upange ulo, kua tangiwa alivuli añi añi, vio losonehi viñi viñi, kuenda onjila yoku taliliya elivulu lio lusapo *Vozes na Sanzala* (Kahitu), kuenda alivulu amue vatiamela k'olosonehi via velapo k'osimbu u otukuiwa Uanhenga Xitu, cine po vali k'olusapo twa tanga ndeti. Oco kwa muiwa okuti via lua ovitua loviholo via vakatekava, kueanda alusapo l'alundongo k'eli lio feka.

OSAPI-YONDAKA

Onkavo; Unhitiwe w'Ongola; Ovisewa Kuenda Uanhenga Xitu.

Introdução

Este trabalho visa demonstrar que as motivações literárias de Uanhenga Xitu sempre estiveram enraizadas nos valores da cultura negro-angolana, nos *modus-vivendi* e *operandi* destes, em particular, na vida africana fora das urbes. Aliás, quem escreve, fá-lo em função de uma realidade, motivado por uma influência sócio-cultural do lugar em que se encontra. Entretanto, deve-se reconhecer a importância do referido autor no cenário literário africano, angolano e não só. Por isso mesmo, é conveniente reflectir sobre o valor da sua obra, esta que garante a continuidade de uma tradição, como sugere Ana Leite que nos diz que, a escrita, nas literaturas africanas, é apenas uma continuidade daquilo que o tradicional procura conservar por meio da oralidade. Nesta linhagem de

pensamento, o conto *Vozes na Sanzala Kahitu* demonstra o poder da oralidade como instrumento de detenção de africanidade (Leite, 1998, p. 12).

No seio das literaturas africanas de expressão portuguesa a negritude e a angolanidade são temáticas que têm sido alvo de debates e variadíssimas discussões, por constituírem o mais claro espelho de autenticidade da alma africana, no seu sentido mais geral, e angolana em particular. Nestes moldes, face ao exposto supra, e em função do tema em disposição, o trabalho rege-se pelo seguintes objetivo geral: compreender, com profundidade, a realidade negro-angolana e antropológico-literárias no conto *Vozes na Sanzala (Kahitu)* e pela pertinência do assunto constituem objetivos específicos: analisar o contexto sócio-cultural na produção literária de *Vozes na Sanzala (Kahitu)*; reconhecer a importância da escrita de Uanhenga Xitu enquanto geradora e conservadora de conhecimentos sobre os hábitos e costumes dos africanos, de forma particular daqueles que habitam nas zonas rurais; interpretar a influência da tradição oral na escrita criativa de Uanhenga Xitu, identificar as principais marcas e traços da cultura tradicional bantu e caracteres de angolanidade no conto em referência.

Metodologia

Muito embora se pugne em caminhar para os meandros da literatura, trazendo uma abordagem meramente reflexiva sobre um escritor sobejamente conhecido nas *lides* literárias e não só, todavia, não se quer dissociar a abordagem do contributo para a relevância do ensino do português em Angola, sobretudo, tendo como base a interpretação de textos de escritores angolanos, uma vez que, as novas exigências do ensino das línguas, atribuem uma particular atenção ao texto, como sendo um elemento fulcral na concepção da linguagem enquanto mecanismo de interação. Neste prisma, em contexto multilíngue e multicultural, como é a realidade angolana, é muito importante fazer perceber, desde cedo, o valor da negritude e da angolanidade; que são descritas por meio da literatura oral e nas expressões artísticas de muitos autores negros; na música, nas artes plásticas e em muitas outras manifestações artísticas. Porque, tal como sugere o professor Venâncio, não se pode circunscrever o estudo da africanidade e da angolanidade, somente, no domínio do saber da criação literária, deve-se procurar enquadrá-lo em quase todas as projeções intelectuais. (Venâncio, 1992, p. 21).

Por isso, vai-se, de uma forma indutiva e dedutiva, procurar compreender os aspectos que salientam a realidade circunstancial do homem negro, olhando para as várias perspectivas de abordagem em que se pode conceber a escrita de Uanhenga Xitu.

Porém, conscientes de que não se pode negligenciar as nossas raízes culturais africanas, que passam, necessariamente, pela compreensão da nossa essência, a de sermos angolanos, africanos e sobretudo negros e na África negra, como se refere o Pe. Raul Altuna, a tradição oral não é apenas fonte principal de comunicação cultural, é uma cultura própria e autêntica porque abarca todos os aspectos da vida (Altuna, 2014, p. 38). Importa referir que, quando se fala de negros, não se está a olhar para a cor da pele, mas para a forma de pensar e de agir.

Desta feita, recorreu-se ao levantamento da biobibliografia e da autobiografia do autor, mergulhando na profundidade das narrativas criadas e nos trabalhos de alguns especialistas e teóricos que precederam esta abordagem sobre o estudo das narrativas de Uanhenga Xitu, com maior particularidade, no conto em estudo na presente pesquisa. Todavia, há uma certa confiança na autenticidade dos textos, assim como na verossimilhança que os torna mais conforme à realidade sócio-cultural de Xitu, que refastela os leitores com a sua variedade.

Olhar-se-á, de uma forma incisiva, para a dimensão espiritual dos textos, a forma como se concebe a religião, as crenças, os mitos, todos eles relegados ao poder da palavra que, na tradição oral, ocupa o primeiro lugar nas manifestações artísticas. Em seguida, far-se-á uma síntese comparativa de Uanhenga Xitu e outros escritores que, como ele, narram, em seus escritos, o quotidiano dos angolanos.

A ideia de comparar o autor com os outros da sua geração surge, por meio de um enquadramento histórico que pretendemos fazer, no âmbito da Literatura Angolana e Africana de Expressão Portuguesa, porque tal como disse Helena Buescu, citado por Pascoal, na sua Poética Negritudinista sobre António Jacinto, não é possível ler e compreender, se não comparativamente, por meio de um estudo de relação. (Helena, 2001, *apud* Pascoal, 2018, p.9).

Torna-se imperioso referir, aqui, que não se está diante de um primeiro trabalho a embarcar para esta viagem investigativa na escrita de Uanhenga Xitu e em particular nos contos *Mestre Tamoda* (1974) e *Vozes na Sanzala (Kahitu 1976)*. Por isso mesmo, as reflexões trazidas são sustentadas por um conjunto de metodologias que se acredita poderem ajudar a clarificar a abordagem, fazendo jus a um escritor emblemático. Uanhenga Xitu é um exímio contador de histórias, muitas delas resultantes das suas experiências de vida, o que faz dele um celeiro aberto de onde se pode tirar os mantimentos necessários para a construção de um conceito de negritude e angolanidade, bem como para a afirmação e conservação do património cultural angolano.

Entende-se que a cultura é um fator determinante para o desenvolvimento de uma nação ou comunidade, é condição *sine qua non* para a definição de uma postura de crescimento, socialização e consciencialização. Entretanto, a narrativa de Uanhenga Xitu coloca no auge uma personagem que atua dentro de uma realidade que remete os leitores ao quotidiano da vida angolana na sanzala, com aspectos costumeiros anteriores ao período colonial, muito embora, com alguns respaldos reflexivos sobre a realidade contemporânea. Com isso vai-se ao encontro do pensamento de Franz Fanon consubstanciado na retoma dos valores tradicionais que, por força da colonização, tinham sido privados das suas reais funcionalidades (Fanon, 1968, p.25). Nada obstante, torna-se necessário, lembrar que não pode e nem se deve negligenciar os ideais culturais, tão pouco, a tradição oral que, aliás, demonstra a essência e o valor da verdadeira africanidade e angolanidade.

Na opinião de Pires Laranjeira, um importante teórico das literaturas africanas de expressão portuguesa, as obras de Uanhenga Xitu enquadram-se numa tendência de "literatura rústica" com o campo como espaço privilegiado derivada de experiências pessoais (Laranjeira, 1992. p. 15, *apud*, Sá, 2009, p. 52). Essa apreciação surge em função de um certo bucolismo narratológico de que se serve o autor na sua expressão literária, trazendo uma imagem lúdica de alguns personagens que actuam na vida concreta das pessoas e que fazem despertar o valor da cultura e a alegria de ser negro. Basta que olhemos com profundidade para a personagem do conto "O Mestre Tamoda", também de Uanhenga Xituque, que por força do colonialismo, viola as raízes da sua cultura, alienando-se aos valores da cultura ocidental, no fundo é o resultado de um processo que era muito comum no período colonial.

O autor alerta sobre este perigo de que estavam sujeitos todos os cidadãos vítimas das injustiças e da desvalorização do homem angolano na sua própria terra. *Kahitu* que, por conta da sua condição de aleijado, foi vítima de preconceito, representa o valor e o poder da crença e da fidelidade às divindades africanas, demonstrando que estas divindades não são só figuras analógicas, nem tão pouco meras quimeras, como defendiam os europeus. Aqui queremos evidenciar a importância da cultura, seja lá qual for, pois esta é um fator determinante no desenvolvimento de uma nação ou comunidade.

1. Breve história da negritude

O conceito de Negritude tem sido alvo de várias definições e interpretações, que resultam das várias contextualizações e associações que se fazem ao próprio conceito,

mas o certo é que a Negritude, a priori, se afirmou como um movimento de retorno às origens idiossincrásicas, que emanam da realidade sócio histórica e até antropológica dos negros. A Negritude é um movimento de protesto contra a submissão do negro, ela surge a partir de uma viragem particular da história europeia caracterizada pelo princípio do relativismo cultural.

A Negritude, como se sabe, é concebida como um movimento cultural que visava travar uma barreira contra as várias tendências de imposição da cultura ocidental e muitos outros costumes que se mostravam alheios à realidade dos negros. Ela surge como um escudo de revalidação dos hábitos e costumes inerentes ao continente africano e em particular ao genuíno negro-africano, que lutava para a redescoberta dos seus valores endógenos, há muito desvalorizados e depreciados pelos ideais imperialistas.

A Negritude, tal como confirma Pires Laranjeira, ganhou expressão a partir da publicação do jornal *L'Étudiant Noir* (1935), por Léopold Senghor, Aimé Césaire e Léon Damas que foi redigido quando ainda eram estudantes na Universidade de Sorbonne em Paris (Laranjeira, 2000, p. XI). Então, como se pode ver, a negritude deu os seus primeiros passos graças a coragem destes homens que não se quiseram calar ante as injustiças e as ostracizações de que eram vítimas os negros, um pouco por todo o mundo e, principalmente, no seu próprio continente. Pires Laranjeira faz constar, também, que o termo negritude terá sido cunhado por Césaire no seu poema assaz longo "*Cahier d'un retour au pays natal*" (1939), saído na revista *Volontés* e posteriormente (1947) em um livro prefaciado por André Breton (*Ibidem*).

Porém, o discurso da Negritude, é bastante importante para a revolução cultural africana e permitiu, também, a valorização dessas culturas no cenário mundial, assim como para o combate social e político contra qualquer possibilidade de alienação. Mas, apesar de toda a força de que vinha revestida, estava ornada de um certo grau de radicalismo, este que acabou por criar uma certa crise e instabilidade na prossecução dos objectivos do próprio movimento. Todavia, teve o mérito de despertar, nos negros, a consciência social e sobretudo cultural. Em linhas gerais, pode-se aferir que, como movimento literário, a Negritude visava combater o racismo, o colonialismo e a visão eurocêntrica muito propalada naquela época. Portanto, por meio da exaltação dos valores da sua cultura, os negros africanos lutavam pela afirmação da sua identidade.

É neste prisma, que se manifesta o pendor racista da Negritude porque colocava de fora qualquer possibilidade de coabitação com a cultura ocidental, ou seja, a negritude deixou para trás todas as possibilidades de interação com a cultura ocidental, mesmo que

talvez não fosse essa a posição inicialmente levantada pelos seus precursores. Mas ainda assim, tal como advoga Pascoal na sua *Poética Negritudinista*, apesar de todo este imbróglio, há escritores e teóricos que encaram a ideologia negritudinista como um diálogo humanista entre a Europa e a África (Pascoal, 2018, p. 29).

Este diálogo referido por Pascoal é confirmado por Messay Kebede, admitindo que a forma e o conteúdo da negritude devem muito ao discurso filosófico ocidental, sobretudo, a influência intelectual francesa. Nesta ordem de ideias, embora a negritude pareceu excluir todas as manifestações de intelectualidade que não valorizassem a civilização negro-africana, devemos reconhecer que existe uma grande e importante relação entre a cultura francesa e a Negritude, porque o território francês é apresentado como o berço da negritude. Mas esta relação talvez possa ser explicada à luz da metodologia utilizada por cada uma das grandes potências colonizadoras, mais concretamente a França, Portugal e a Inglaterra, que tinham métodos de colonização diferentes.

Contudo, a Negritude pode ser encarada sobre várias perspectivas da vida social; por um lado como tentativa de retorno às origens, por outro, como a tábua de salvação de uma cultura completamente adulterada pelas impurezas do processo colonial ou ainda como a exclusão total de tudo o que era nocivo à cultura negra, sobretudo, os ideais de expansão imperialista capitalista. Ora, se por um lado, há quem defenda que, a negritude deve ser compreendida em função do contexto histórico que a determinou e por esta razão, já não faz muito sentido por conta do término do colonialismo, há outros que acham que, a negritude, devia e deve continuar como um movimento que defende os interesses de retorno às origens, porque à luz do pensamento negritudinista de Senghor, não se pode compreender a revolução negra sem que se olhe para o regresso ao nosso passado histórico-antropológico.

É certo que o senegalês Senghor, o maritinequense Aimé Césaire e o guineense Leon-Damas foram os pioneiros, os impulsionadores e grandes defensores de uma literatura que fosse capaz de exaltar a realidade negra, as mulheres, os homens, marcados e apresentados, não somente, como belos, mas sobretudo, com a energia impoluta que estes possuem para reivindicar a verdadeira essência da sua cultura, bem como a necessidade de libertação do violento jugo colonial. As várias posições Negritudinistas abriram caminhos para uma poesia revolucionária e uma prosa que se procurava afirmar nos ditames dos caracteres dos povos e da identidade africana;

afastando-se do ambiente expresso pela literatura colonial que visava relatar e exaltar as conquistas europeias.

Nesta perspectiva, a escrita de Uanhenga Xitu ganha uma maior expressividade por enfatizar o conceito de literatura negra, enraizando-a num contexto sócio-cultural angolano, demonstrando, de forma específica, o conhecimento das mundividências africanas, as ideias, as crenças, as características gerais que determinam a pureza e a beleza de ser africano. Visto assim, Uanhenga Xitu ganha vantagem, porque contrapõe o espírito desbravador e civilizador que estava assente nos ideais de portugalidade, defendidos pela então metrópole que colocava de parte os povos das até então consideradas "províncias ultramarinas" que eram considerados como meros coadjuvantes do processo de criação artística, como se pode confirmar neste pensamento de Carlos Venâncio:

Diziam uns que tais literaturas, em parte ou no seu todo, eram desprovidas de valor estético e que os críticos literários, ao bajulá-las, traíam a causa da literariedade e, por ainda, acabavam por prestar um mau serviço àqueles que porventura tivessem valor. Outros, porém, contestavam tal posição, dizendo que sempre houve a preocupação de separar o trigo do joio (Venâncio, 1992, p. 25).

Carlos Venâncio traz uma visão que os europeus tinham sobre a literatura africana, essa posição foi crucial para a definição de um plano estratégico por parte dos intelectuais africanos, que visavam contrapor os discursos presunçosos apresentado pelos intelectuais europeus. Na verdade, a visão dos europeus, carregada de eurocentrismo foi refutada por muitos intelectuais africanos, desde Cheik Anta Diop, Bérngson, Senghor, Césaire, Dubois e tantos outros como: Agostinho Neto, Francisco José Tenreiro, Noémia de Sousa, estes últimos se debateram com as causas da África negra de expressão portuguesa.

Porém, todos eles eram unânimes, embora com diferentes argumentos, em afirmar que as sociedades seguem, cada uma delas, os destinos traçados pelos seus ancestrais, que são caminhos específicos que as particulariza, porquanto nenhuma pode ser tomada como modelo, assim como nenhuma pode ser tida como atrasada. Entretanto, este pensamento descontrói todas as posições de negação ou sobreposição de qualquer raça em detrimento de outra e sobretudo cancela a imagem frustrante do homem negro, construída durante longos anos pelo homem branco; aquela de que o negro é uma tábua rasa, sem pensamento histórico e sem civilização.

2. Uma incursão à negritude no contexto da África negra de expressão portuguesa

Com o fim da Monarquia em Portugal, a 5 de Outubro de 1910, a antiga Metrópole, sobretudo aliado aos problemas gerais criados pela consequência das duas guerras mundiais, bem como a ditadura instituída pelo Estado Novo, começaram a surgir, nas colónias portuguesas, movimentos nacionalistas, que eram liderados por jovens que se encontravam a estudar na Europa, fundamentalmente, na dita Metrópole (Portugal). Os intelectuais africanos, naquela época, tinham a preocupação de fazer ouvir os seus direitos, inerentes à condição de serem humanos, sujeitos à auto-determinação e independência; lutavam pela libertação do seu povo, a libertação das chamadas "províncias ultramarinas", que hoje correspondem aos países africanos de expressão portuguesa: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde, São-Tomé e Príncipe. Em relação a isso, Pascoal diz que, os estudantes que iam para Metrópole, eram obrigados a estar juntos nas Casas dos Estudantes do Império, porque deste modo havia uma certa facilidade em serem controlados (Pascoal, 2018, pp. 58-59). O objetivo de Salazar, líder impulsionador do Estado Novo em Portugal, era de reunir o maior número de intelectuais africanos para que se detivessem suas ações e assim se evitasse a propagação de ideias de rebelião.

Esta época, de acordo com uma periodização não muito consensual proposta por Pires Laranjeira, corresponde aos períodos de formação e nacionalismo. E nesta senda, desenvolveu-se uma série de atividades literárias por parte dos intelectuais africanos, que estavam cansados das humilhações do processo colonial e tentavam, a todo o custo, ainda que por via pacífica, denunciar os males do processo colonial e apelar a negociação do processo de independência das colónias, mas Portugal estava longe de aceitar em função dos seus interesses económicos, visto que, as colónias sustentavam o seu perfil de potência imperialista.

Portanto, foi na CEI onde saiu os futuros dirigentes e membros dos movimentos de libertação da África portuguesa, tais como Amílcar Cabral, Marcelino dos Santos, Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Vasco Cabral e tantos outros (Pascoal, 2018, p. 63). Porém, os movimentos de revolta criados pelos estudantes negros africanos residentes em Portugal na CEI, mais tarde, transformaram-se em forças armadas muito bem organizadas, que depois de algum tempo, foram apoiadas por países de grande relevância bélica, países que estavam diretamente envolvidos na chamada guerra fria. Tudo isso, provocou um conflito armado que durou cerca de 14 anos, entre as colónias e

a metrópole. Esta guerra conheceu o seu fim com a revolução dos cravos em Portugal, a 25 de Abril de 1974 e por conta disso e das implicações económicas que a guerra causara a Portugal começou-se, então, a criar as condições para a independência de todas as colónias portuguesas.

Em meio a isso tudo, torna-se necessário, dizer o seguinte: todos os países têm as suas potencialidades, muitas delas, resultantes da necessidade de exteriorizar pensamentos. Acredita-se que a negritude no contexto lusófono africano surge associada a essa necessidade de se fazer vincar os ideais de cada pátria africana, porque sendo uma forma de manifestação cultural que corre fácil na alma do povo, tornou possível a descoberta dos valores culturais de cada país lusófono africano, que se encontravam desavindos por conta da realidade sócio-política imposta pelo processo de colonização, que os obrigava a saberem primeiro a História e a Geografia de Portugal e só depois a dos seus próprios países. Portanto, a negritude, no contexto lusófono africano, alinha-se aos objetivos de construção de um futuro melhor e mais harmonioso para a África negra de expressão portuguesa. Por isso, considera-se importante, refletir sobre os primeiros passos dados em busca da tão almejada independência destes países.

Ora bem, tal como se viu na abordagem sobre a negritude no contexto dos países francófonos que conheceu a sua cunhagem em Aimé Césaire, tendo sido o primeiro a referir-lhe, no também já citado poema *Cahier d'un retour au pays natal*, publicado em (1939) (Pascoal, 2018, p. 66). No contexto lusófono africano, de acordo com o intelectual angolano, Mário Pinto de Andrade citado por Pires Laranjeira, o primeiro a exprimir a negritude foi Francisco José Tenreiro no seu livro *Ilha de Nome Santo* cuja publicação é datada de 1942 (Andrade e Tenreiro, *Poesia negra de expressão portuguesa*, Lisboa, CEI, 1953, *apud* Laranjeira, *A Negritude Africana de Expressão Portuguesa. Texto de Apoio (1947-1963)*, p. 16). Tenreiro é considerado um dos clássicos na literatura africana de expressão portuguesa, nasceu em São-Tomé e foi fortemente influenciado por escritores como: Hughes, Countee, Langston e muitos outros.

A negritude em Francisco José Tenreiro é motivada por um conjunto de ideias voltadas para a vida social do negro, a quem se lhes negava o direito de serem eles mesmos. Embora fosse considerada, por alguns teorizadores, como uma negritude incipiente, por não estabelecer uma ruptura com os pressupostos da cultura ocidental, transformou-se num movimento catalisador que abriu espaço para a assimilação e a consequente luta de libertação das colónias. Tenreiro trabalhou em parceria com Mário Pinto de Andrade e juntos organizaram o *Caderno de poesia negra de expressão*

portuguesa, publicado no ano de 1953, o *Caderno* visava difundir ou dar a conhecer ao mundo os ideários da negritude no contexto dos países africanos de expressão portuguesa por meio da escrita dos autores negros.

É ponto assente que o processo colonial seguiu quase que o mesmo paradigma em toda a África, mas enquanto a Negritude no contexto francófono primou, sobretudo, pela reivindicação cultural, procurando entender a cultura como um fenómeno totalitário por meio do qual se circunscreveu a dignidade do homem negro, a negritude no contexto lusófono africano, traduzia-se, para além do seu aspecto europeu, num movimento integrado por motivações político-ideológicas, por causa da negação, por parte de Portugal, em deixar de lado os seus interesses económicos nas colónias.

3. Reflexos da negritude em Uanhenga Xitu

Uanhenga Xitu é o nome Kimbundu de Agostinho André Mendes de Carvalho, nascido em Icolo e Bengo, mais concretamente na região de Kalomboloca em Angola, no dia 29 de Agosto de 1924. No âmbito do estudo bibliográfico ficou-se a saber o que se esconde por detrás do nome que carrega na sua essência, uma forte marca de identidade cultural na vida do próprio autor. Assim sendo, o nome Uanhenga Xitu significa, literalmente, "andar com a carne pendurada depois da caça". Num sentido mais subjetivo e se quisermos mais conforme ao nível estético do próprio nome e numa significação mais folclórico pode traduzir a ideia de que "o poder é odiado" (Sá, 2009, p. 50).

Uanhenga Xitu, transportava para a literatura um realismo antropológico da alma dos angolanos, mas com uma certa imprevisibilidade, porque o realismo que se pode depreender das obras de Uanhenga Xitu é mesclado com uma certa dose de ficção, um exagero bastante sólido e necessário para expressão literária, aliada à tradição cultural. Muitas vezes vê-se que, em Uanhenga Xitu, há uma grande necessidade de se traduzir os vocábulos no interior da narrativa, ou até mesmo frases inteiras que se apresentam na língua *Kimbundu*. Com isto, o autor anuncia o bilinguismo presente na sua obra trazendo, para a literatura angolana, um hibridismo linguístico bastante apregoado pelos escritores da sua geração, tais como: Agostinho Neto, António Jacinto, Jofre Rocha, Luandino Vieira, Boaventura Cardoso e muitos outros que recorrem a esta forma de expressão literária para protestar contra a evasão dos costumes ocidentais. No cenário literário angolano Uanhenga Xitu sempre se apresentou como um defensor acérrimo das causas sociais, evidenciando e demonstrando, desta maneira, a função social da literatura. Assim sendo, na obra do escritor é possível ver o encontro entre o real e o imaginário,

espevitando, nos leitores, o desejo de emancipação cultural, ajudando a propalar a ideia de nação e nacionalismo no contexto angolano.

A narrativa centra-se na história de Kahitu, um paralítico que assim nasceu pelo facto de os seus pais não terem cumprido com determinados rituais dos ancestrais. "Era paralítico de infância. Desde a nascença nunca ficou de pé. No dia em que experimentou fazer o *tende nhi kubane o mbui, cai*" (Xitu, 1980, p. 21). Assiste-se a crença, a religião, o conhecimento e a sabedoria africana, que são elementos que concorrem para a definição do conceito de angolanidade na perspectiva de José Carlos Venâncio, Mário Pinto de Andrade, Patrício Batsíkama e outros tantos teorizadores que falam e muito bem, sobre a necessidade de afirmação de uma filosofia que evidenciem as idiossincrasias africanas e que sustentam e orientam a linha de abordagem deste artigo. Este pensamento traduz, também, a fidelidade aos ideais da ancestralidade.

Interessantemente o conto começa com uma alusão ao nascimento de Kahitu, com os pais totalmente preocupados, correndo de lugar em lugar, de kimbanda a kimbanda, por formas a identificar o motivo da deficiência do filho. "*Vozes na Sanzala*" provoca, no autor, um retorno à memória ancestral e ao seu tempo de infância, onde o contato com a natureza e a vivência dentro das tradições da sua terra representavam a liberdade e a afirmação de uma identidade. Subjugado politicamente sobre o domínio salazarista e preso por crimes políticos na ilha de Tarrafal, o autor inicia um processo de escape da realidade do cárcere por intermédio da lembrança e também do sonho e por resultado, ele não só cria como posteriormente nos presenteia com uma literatura de grande qualidade. Este conto é o reacender das chamas da cultura africana, contrapondo o ambiente que se vivia, era muito constrangedor não poder viver a cultura na sua essência, era quase que diabólico viver sobre as pressões das más intenções do colonizador, por isso mesmo, cada um apresentava o seu descontentamento por formas a conquistar a liberdade territorial e a dos cidadãos nativos.

Ao longo do conto nota-se a presença do feiticismo no ambiente rural (na aldeia) por isso mesmo, citamos o padre Altuna que considera o feitiço como um conjunto de crenças, cultos e ritos dos negros de África que tem por objeto a adoração de objetos materiais (Altuna, 2014, p. 355). O autor segue dizendo que, a palavra feiticismo, apareceu, pela primeira vez, como um termo científico e descritivo em 1760 e num livro intitulado *Do culto aos deuses, feitiços ou paralelo da antiga religião do Egipto com a religião atual da Nigricia*. (Ibidem). A forma como Uanhenga Xitu se refere ao feitiço é demonstra, não só, o valor da cultura africana, mas a imperiosa necessidade de

emancipação cultura, já que o feiticismo traz consigo um sentido pejorativo, na perspectiva da cultura ocidental.

Como já se disse, de acordo com a descrição feita pelo narrador, a paralisia de Kahitu é consequência da desobediência dos pais, por estes não terem cumprido com o prometido à *Muene Kasadi* que, segundo a narrativa, trata-se da divindade das águas, das chuvas, dos rios e das nascentes. A dívida dos pais de Kahitu surge por meio de um contrato espiritual celebrado entre os avós maternos de Kahitu e a divindade aquando do nascimento de Mbombo, mãe de Kahitu. Vê-se que Mbombo, desde pequena, foi predestinada e consagrada pela divindade das águas, num ritual de imersão em que esta foi levada à nascente e por lá se realizou o ritual e ao mesmo tempo se fez a apresentação da criança à deusa.

Este ritual é muito parecido ao baptismo cristão, mas na verdade se trata de um pacto que os antepassados fizeram para garantir que não faltasse água, que as terras e a mulheres fossem férteis e pela saúde das crianças. Trata-se de uma prática comum na cultura tradicional bantu, sendo mesmo considerada por Altuna, o primeiro passo de iniciação da pessoa bantu na série de ritos de passagem que marcam e condicionam a sua existência (Altuna, 2014, p. 273).

Em contrapartida, a não observação destes rituais pressupõe um castigo severo, tal qual se explica com o nascimento deficitário de Kahitu. Estas marcas e práticas são referenciadas em muitos outros retratos sobre a cultura africana, fundamentalmente aquelas que descendem do tronco bantu. Por esta razão, Mbombo, ao anunciar ao marido a sua nova gestação, chamou-lhe a atenção para que não agisse, novamente, como na gravidez de Kahitu; nessas falas está demonstrada uma imagem de redenção, o desejo de não voltar a aplacar a ira de um ser divinamente superior, a quem o narrador chama de *Kasadi*. Há aqui também a evidência de que na cultura tradicional bantu, a gravidez é vista quase sempre como uma fase carregada de muitos tabus e superstições, onde se conjugam muitas forças mágico-misteriosas. (Altuna, 2014).

Este facto pode ser depreendido nas falas de Mbombo: *sempre te fiz lembrar para dar o banquete ao Kituta de Kasadi, ou oferecer um presente ao nosso kilamba assistente, como vinhas fazendo das anteriores vezes. Antes de casarmos, meus pais, ainda vivos, recomendaram bastantes vezes aos teus para cumprir à risca essa kijila. Lembro como se fosse hoje, quando o kikema recomendava aos meus sogros e dizia: "todas as vezes que se manifestassem os primeiros sinais de concepção na Mbombo, vocês têm de pagar o prometido que fizeram ao Kituta, antes de ela dar à luz. O*

esquecimento desse preceito será uma grande desgraça no lar"(Xitu, 1980, p. 25). Portanto, é nesta desgraça em que se manifesta a benevolência da divindade, Kahitu nasce com uma força e um talento sem igual, tendo mesmo ficado conhecido como o aleijado de Deus, ao que parece o que lhe faltava no aspecto físico, acabou por ser compensado, pelos desuses, noutras valências, eis mais uma evidência de africanidade, na visão de que o nascimento defeituoso é sempre precedido de um fenómeno extranormal.

Para lá disso, observa-se, também, o preconceito social de que são vítimas as pessoas portadoras de deficiências físicas, a discriminação e ofensas que têm que suportar, muitas delas, por haverem nascido assim. Se por um lado se fala do preconceito de que são vítimas as pessoas portadoras de deficiência, bem como os seus progenitores; por outro evidencia-se o oportunismo e a atitude de coitado adoptada por muitos deficientes físicos, como é o caso de Kahitu, que embora limitado de algumas tarefas por conta do seu estado físico, apresentava-se como um conselheiro das moças da aldeia e, por conta disso, aproveita-se da simpatia que granjeava no seio feminino, para abusar de *Sanji*.

Kahitu é um aleijado letrado que sempre mostrou vontade de aprender "*papá, eu quero ir também à Escola, com Teleja e Kipenze*" (Xitu, 1980, p. 22), portanto, por conta disso conta com ajuda dos seus amigos para aprender a ler e a escrever "*sempre que visse alguém a passar chamava-o para uma explicação. Todo o mundo gostava e tinha pena de Kahitu e os que sabiam sentiam prazer em ensinar o rapaz*" (*ibidem*). Fica, aqui, demonstrado o grau de solidariedade que subjaz no coração do africano, a filosofia social, que sempre encontrou acolhimento no seio dos africanos. O homem bantu vive pela comunidade, nela e para ela (Altuna, 2014, p. 205).

Porém, Kahitu aproveita os seus poucos conhecimentos de português escrito para, dentro da sanzala, granjear respeito, admiração e amor por parte dos habitantes da aldeia, exceto as crianças que zombavam da sua condição física, estas eram os maiores inimigos de Kahitu, com elas tinha as suas maiores intrigas. Mas apesar das desavenças sempre se mostrou disponível em cuidar delas, porque a solidariedade para o africano ultrapassa as barreiras da intriga diz Sékou Touré, citado por Altuna, afirmando que a solidariedade é a primeira riqueza do homem africano e a qualidade cardeal da raça negra (*Ibidem*). O processo de integração social resultante da sua condição física se torna um assunto difícil que o autor também procura relatar. Para lá disso, o autor traz uma visão da expressão artística africana difundida nos contos com uma finalidade moral, a

vitória da astúcia sobre a força. Porque embora Kahitu fosse fisicamente incapacitado e limitado, na sua ação de resposta às provocações e insultos dos miúdos, revela ser bastante astucioso uma compensação divina, sobretudo, quando quisesse exercer a sua vingança.

Para concluir, na história de *Kahitu*, encontram-se as fortes influências da realidade negro-africana e os traços típicos da oralidade, sobretudo, quando o autor faz menção aos adágios, provérbios, advinhas e até ao próprio ambiente social da sanzala, onde revela a forma como o povo da sanzala fala, como anda, como vê o mundo na sua língua materna. Quando o autor transcreve o falar do povo na sua vernaculidade, na sua manifestação cultural está, exatamente, a dar continuidade da oralidade na escrita, está a preservar o património cultural africano, as ideias da negritude e a contribuir para a definição de um plano idiossincrásico que está enraizado nos status quo angolano.

Considerações finais

Nada mais havendo por se relatar, torna-se necessário, extrair o que de mais substancial se procurou abordar. Apraz dizer que, literatura angolana é considerada um bem cultural cujo acesso contribui para o desenvolvimento da educação estética, da sensibilidade, da concentração, dos aspectos cognitivos e linguísticos, do exercício da imaginação, além, de favorecer o acesso aos diferentes saberes sobre a cultura do povo angolano e lugares desconhecidos, seja do universo fictício ou real. Neste quesito, queria-se precisar que Uanhenga Xitu sempre deu provas inequívocas de que é um defensor ferrenho das causas sociais do seu povo, sempre procurou trazer, para o cenário literário, abordagens que tivessem como pano de fundo a realidade social angolana, uma Angola sofrida e martirizada pelas injustiças sociais, as discriminações raciais, os conflitos de valores e outros males que concorreram para a relegação do angolano para segundo plano.

Em função de tudo o quanto se exprimiu no trabalho, tendo em conta os objetivos, procurou-se valorizar mais a Literatura Angolana, sobretudo, no processo de ensino da Língua-portuguesa, propondo-a como um referencial a se ter em conta nas aulas de interpretação textos, olhando para a nossa dimensão multiculturalista. Pretendeu-se ilustrar que os ideais da Negritude continuam a fazer sentido, uma vez que surgem da necessidade de combater as constantes restrições impostas aos negros e a um frequente processo de assimilação que ameaça suprimir todas as características dos negros.

Tem-se a esperança de se ter deixado claro que a arte literária não é apenas uma imitação das formas da natureza, tal como nos queriam fazer acreditar certos realistas, nem tão-somente a expressão ideal das coisas, como nos pretendem convencer alguns modernistas, mas se quer apresentar a arte literária como sendo o laço vivificante por meio do qual se pode juntar o ideal ao imaginário, a alma ao corpo, o espírito à matéria e acima de tudo, gozar deste privilégio proporcionado pela expressão estética da palavra, que no fundo é a manifestação viva da alma do povo, porque não se pode dissociar às abordagens literárias do contexto histórico em que se enquadram os autores, razão pela qual, procurou-se introduzir Uanhenga Xitu num período histórico que representa um marco para a realidade sócio-política angolana e analisou-se os seus textos com base neste período, aliados às influências dos períodos precedentes.

A negritude e angolanidade demonstram que o homem negro é tão homem quanto qualquer outro e que também são capazes de realizar obras culturais de valor universal, obras que espelham os aspectos da emoção negra, visões que contrapõem o pensamento do homem ocidental que procurava despersonalizar o homem negro. Entenda-se a emoção negra como sendo o conjunto de expressões que traduzem a essência da chamada mundivisão bantu. Uanhenga Xitu, em *Vozes na Sanzala (Kahitu)* mostra que o homem africano é projeto em realização e a cultura ajuda-o a forjar e a consolidar a sua própria identidade. Por esta razão, conclui-se esta pesquisa, compenetrados na ideia de preservação da unidade cultural e linguística, por ser esta que dá mobilidade única e singularidade inconfundível aos povos da África negra.

Referências

- ALTUNA, R. R. (2014). *Cultura Tradicional Bantu*. 2.ed, Águeda: Paulinas.
- ANDRADE, M. P. (1995). *A Literatura negra e os seus problemas negritude africana de língua portuguesa textos de apoio (1947-1963)*. Pires Laranjeira.(Org.). Braga: Ângelus Novus.
- BATSÍKAMA, P. (2006). *Nação, Nacionalidade e Nacionalismo em Angola*. Luanda: Mayamba.
- ERVEDOSA, C. (1979). *Roteiro da Literatura Angolana*. Luanda. 2.ed, União dos Escritores Angolanos.
- FANON, F. (1968). *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A.
- KANJIMBO, L. (2010). *Literatura Angolana, Mestre Tamoda, Uanhenga Xitu*. Luanda. *Cara a Cara*, Luanda: União dos Escritores Angolanos.

Leovigildo Domingos Antonio, *A negritude africana, um realce às divindades e uma reverência...*

- LARANJEIRA, P. (2000). *Negritude africana de expressão portuguesa*. Braga: Ângelus Novus.
- LEITE, A. M. (1998). *Oralidades e escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Edições Colibri.
- SÁ, A. L. (2003). *A (Re) Construção da Angolanidade em Uanhenga Xitu, contributo para um estudo de Cultos Especiais*. Lisboa: Imbondeiros Editores.
- SÁ, A. L. (2009). *Confluência do Tradicional e do Moderno na Obra de Uanhenga Xitu*. 2.ed. Luanda: União dos Escritores Angolanos.
- SÁ, A. L. (2010). *Uanhenga Xitu diálogos com alguns personagens*, Luanda: MAKÁ.
- VENÂNCIO, J. C. (1987). *Uma perspectiva etimológica da literatura angolana*, Lisboa: Col. Ulmeiro.
- VENÂNCIO, J. C. (1992). *Literatura Versus Sociedade*. Lisboa: Palavra Africana.
- XITU, U. (1980). *Voices Na Sanzala (Kahitu)*. Lisboa: Edições 70.
- XITU, U. (2013). *Mestre Tamoda e Outros Contos*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.



Recebido em: 12/05/2024

Aceito em: 27/08/2024

Para citar este texto (ABNT): ANTONIO, Leovigildo Domingos. A negritude africana, um realce às divindades e uma reverência aos ancestrais no conto Vozes na Sanzala (Kahitu) de Uanhenga Xitu. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº2, p.47-63, ago.2024.

Para citar este texto (APA): Antonio, Leovigildo Domingos. (ago.2024). A negritude africana, um realce às divindades e uma reverência aos ancestrais no conto Vozes na Sanzala (Kahitu) de Uanhenga Xitu. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (2): 47-63.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>